

Europa quer atrair estudantes brasileiros

Stela Campos

O programa "Study in Europe", mantido pela Comissão Europeia, focará este ano o Brasil. Ele será destaque na 10ª edição da Expobelta, feira de educação internacional, que acontece em São Paulo entre os dias 27 e 29 de março, e no dia 31, em Belo Horizonte. O evento reunirá representantes de instituições de ensino de 30 países.

Criado em 2007, o programa tem o objetivo de incentivar estudantes estrangeiros a realizarem cursos em universidades do "velho continente". O consultor sênior do programa, Mark Rogerson, estará no país esta semana para participar da Expobelta. Antes da viagem, concedeu entrevista ao Valor, de Londres. A seguir leia trechos dela:

Valor: Como funciona o programa "Study in Europe"?

Mark Rogerson: Trata-se de um projeto da Comissão Europeia para tornar mais viável o acesso de estudantes estrangeiros ao ensino europeu. O coração do programa é o nosso website (www.study-in-europe.org). É onde os interessados podem começar sua busca. Ele reúne informações sobre 32 países, quais as bolsas de estudo e empréstimos disponíveis e dá orientações de como obter o visto em cada lugar. É uma forma que encontramos para dar visibilidade ao que existe na região.

Valor: Por que o Brasil foi escolhido como alvo da divulgação do programa este ano?

Rogerson: Escolhemos o Brasil porque ele é um dos BRICs (Brasil, Rússia, Índia e China). É um país que se tornou muito importante economicamente nos últimos anos. No ano passado, nosso foco de divulgação foi a Rússia.

Valor: A crise econômica não está afugentando os estudantes estrangeiros da Europa?

Rogerson: Se a crise econômica fará o estudante repensar se deve estudar fora do seu país, eu não sei. Acredito que o ensino superior é um compromisso de três, quatro anos, minha intuição diz que os alunos vão pensar além da crise. Eles vão ponderar que precisarão estar qualificados para quando as coisas começarem a melhorar.

Valor: O custo para os brasileiros estudar fora subiu por conta da mudança na taxa de câmbio. Este não seria um empecilho imediato?

Rogerson: Eu acredito que existem mais coisas para se pensar sobre o custo de se estudar na Europa. Existem muitos países onde o custo de vida é mais baixo. A Europa oferece qualidade e diversidade. Muitas instituições de ensino têm um preço mais acessível do que as escolas americanas, por exemplo. Para se ter uma ideia aproximada, um curso de especialização sai entre €2 mil e € 6 mil por semestre. Mas existem inúmeras opções, cujo preço varia conforme o país, a escola.

Valor: Que tipo de estudante vocês estão buscando?

Rogerson: Principalmente, os que procuram cursos técnicos e universitários. Não procuramos interessados em cursos de MBA, porque eles acontecem nas escolas de negócios.

Valor: O objetivo de sua visita é também divulgar o programa Erasmus Mundus. Como ele funciona?

Rogerson: O Erasmus Mundus é um programa de bolsas que divulgamos. Ele cria mobilidade e cooperação na área de educação superior, que permite ao aluno estudar em diversos países, seguindo o mesmo currículo. A Comissão Europeia tem investimentos previstos de aproximadamente € 950 milhões até 2013 neste programa.

Valor: Quantos brasileiros estudam na Europa e quais são os destinos preferidos?

Rogerson: No ano passado, tivemos 12 mil brasileiros estudando na Europa, basicamente no Reino Unido, França, Alemanha, Espanha e Portugal. Eu acho que os estudantes devem escolher o país que lhes agrada. Nossa missão é mostrar todas as possibilidades existentes, outros países e culturas. Se você quer fazer um curso acadêmico pode realizá-lo em mais de um país. Esta proximidade entre culturas diversas é um dos pontos fortes de se estudar na Europa.

Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 25 mar. 2009, Eu & Investimentos, p. D8.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais